

O RECLUSO

FREIDA McFADDEN

O RECLUSO

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

1

PRESENTE

Enquanto as portas da prisão se fecham atrás de mim, questiono todas as decisões que alguma vez tomei na minha vida.

Não é aqui que quero estar neste momento. De *todo*. Quem quer estar numa penitenciária de segurança máxima? Aposto que ninguém. Se alguém está entre estas paredes, o mais provável é que tenha feito algumas escolhas erradas na vida ao longo do caminho.

Eu fi-las certamente.

– Nome?

Uma mulher com o uniforme azul dos guardas prisionais fita-me por detrás da divisória de vidro mesmo à entrada da prisão. Os seus olhos são baços e vítreos, e não parece ter mais vontade do que eu de estar aqui.

– Brooke Sullivan. – Pigarreio. – É suposto encontrar-me com a Dorothy Kuntz?

A mulher olha para uma prancheta com papéis à sua frente. Perscruta a lista, sem dar qualquer sinal de que me ouviu ou de que sabe seja o que for sobre o porquê de eu estar aqui. Olho para trás de mim, para a pequena sala de espera, que está vazia, exceto por um velho enrugado sentado numa das cadeiras de plástico, a ler um jornal como se estivesse sentado no autocarro. Como se

não houvesse uma vedação de arame farpado a rodear-nos, pontilhada por pesadas torres de vigia.

Após o que me parecem ser vários minutos, um zumbido ecoa pelo espaço – suficientemente alto para me fazer saltar e dar um passo atrás. Uma porta à minha direita, com grades verticais vermelhas, abre-se lentamente, revelando um longo corredor mal iluminado.

Olho para o corredor, os pés presos ao chão.

– É para... é para entrar?

A mulher ergue os seus olhos baços para mim.

– Sim, vá. Passa pelo controlo de segurança ao fundo do corredor.

Acena na direção do corredor escuro, e um calafrio percorre-me ao atravessar hesitantemente a porta gradeada, que se fecha e tranca novamente com um baque sonoro. Nunca estive aqui. A minha entrevista de emprego foi por telefone, e o diretor estava tão desesperado por me contratar que nem sentiu a necessidade de me conhecer primeiro – bastaram-lhe o meu currículo e as cartas de recomendação. Assinei um contrato de um ano e enviei-o por fax na semana passada.

E agora estou aqui. Pelo próximo ano da minha vida.

Isto é um erro. Jamais deveria ter vindo.

Olho para trás, para as grades vermelhas de metal que se fecharam já atrás de mim. Ainda não é tarde de mais. Apesar de ter assinado um contrato, de certeza que me podia livrar dele. Ainda podia dar meia-volta e deixar este lugar. Ao contrário dos residentes desta prisão, eu não tenho de estar aqui.

Não queria este emprego. Queria qualquer outro menos este. Mas candidatei-me a todos os empregos a uma distância de sessenta minutos de viagem da vila de Raker, no interior de Nova Iorque, e esta prisão foi o único sítio que me ligou de volta para uma entrevista. Era a minha última opção e senti-me sortuda por a obter.

Por isso, continuo a andar.

Está um homem no controlo de segurança ao fundo do corredor, a guardar uma segunda porta gradeada. Ronda os quarenta anos, com o cabelo cortado à escovinha, ao estilo militar, e veste o mesmo impecável uniforme azul que a mulher de olhos mortos da receção. Olho para o crachá de identificação preso ao seu bolso do peito: guarda prisional Steven Benton.

– Olá! – cumprimento, numa voz que reconheço ser demasiado alegre, mas não consigo evitar. – Chamo-me Brooke Sullivan e é o meu primeiro dia a trabalhar aqui.

A expressão de Benton não se altera enquanto os seus olhos negros me percorrem. Retorço-me, repensando em todas as escolhas de moda que fiz esta manhã. Vindo trabalhar para uma prisão de segurança máxima masculina, calculei que seria melhor não me vestir de uma forma que pudesse ser interpretada como sugestiva. Trago, pois, umas calças formais pretas largas, combinadas com uma blusa preta de manga comprida. Estão quase vinte e sete graus lá fora, um dos últimos dias quentes do verão, e começo a arrepende-me de me ter vestido toda de preto, mas pareceu-me a melhor forma de não atrair atenções para mim. O meu cabelo escuro está preso atrás num simples rabo de cavalo. A única maquilhagem que trago é um pouco de corretor para esconder as olheiras sob os meus olhos e um laivo de batom que é quase da mesma cor dos meus lábios.

– Da próxima vez – diz ele –, nada de saltos altos.

– Oh! – Olho para os meus sapatos pretos. Ninguém me deu qualquer orientação sobre o código de vestuário, e muito menos em relação aos *sapatos*. – Bem, não são muito altos. E são *grossos*. Não são afiados nem nada. Não me parece realmente...

Os meus protestos morrem-me nos lábios enquanto Benton me olha fixamente. Nada de saltos altos. Entendido.

Benton passa a minha bolsa por um detetor de metais e a seguir passo eu por um muito maior. Gracejo nervosamente sobre como parece que estou no aeroporto, mas dá-me a sensação de que

este sujeito não gosta lá muito de piadas. Da próxima vez, nada de saltos altos nem de gracejos.

– É suposto encontrar-me com a Dorothy Kuntz – digo-lhe eu. – É enfermeira aqui.

Benton resmoneia.

– Também é enfermeira?

– Técnica de enfermagem – corrijo eu. – Vou trabalhar no consultório da prisão.

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Boa sorte com isso.

Não sei muito bem o que quer dizer ao certo.

Benton prime um botão e, mais uma vez, o zumbido ensurdecedor dispara, mesmo antes de o segundo conjunto de portas gradeadas se abrir. Indica-me um corredor que vai dar à ala médica da prisão. Há um estranho cheiro a químicos no corredor e as luzes fluorescentes do teto não param de piscar. A cada passo que dou, apavora-me que algum dos presos possa aparecer do nada e me espanque até à morte com um dos meus sapatos de salto alto.

Ao virar à esquerda ao fundo do corredor, vejo uma mulher à minha espera. Ronda os sessenta anos e tem o cabelo grisalho cortado curto e uma constituição robusta – há algo de vagamente familiar nela, mas não consigo identificar o quê. Contrariamente aos guardas, veste um pijama cirúrgico azul-marinho. Tal como todas as outras pessoas que conheci até agora nesta prisão, não sorri. Pergunto-me se será contra as regras daqui. Devia verificar o meu contrato. *Os funcionários podem ser despedidos por sorrir.*

– Brooke Sullivan? – pergunta ela, num tom seco que é mais grave do que eu esperava.

– Isso mesmo. É a Dorothy?

Tal como o guarda à entrada, ela olha-me de cima a baixo. E, tal como ele, parece absolutamente dececionada com o que vê.

– Nada de saltos altos – informa-me.

– Eu sei. Eu...

– Se sabe, porque os calçou?

– Quer dizer... – Sinto o rosto a arder. – Sei *agora*.

Relutantemente, ela aceita esta resposta e decide não me obrigar a passar a minha orientação descalça. Acena-me com a mão e eu sigo-a obedientemente pelo corredor. Todo o exterior da ala médica tem o mesmo cheiro a químicos que o resto da prisão e as mesmas luzes fluorescentes a piscar. Há um conjunto de cadeiras de plástico alinhadas contra a parede, mas estão vazias. Ela abre a porta de uma das salas.

– Esta será a sua sala de exame – comunica-me.

Espreito para o interior. A sala tem cerca de metade do tamanho das do centro de atendimento de urgência onde costumava trabalhar em Queens. Mas, fora isso, parece igual. Uma mesa de exame ao centro da divisão, um banco para eu me sentar e uma pequena secretária.

– Terei um gabinete? – interrogo.

A Dorothy abana a cabeça.

– Há ali uma secretária. Não vê?

É então suposto fazer os registos com os pacientes a olhar-me por cima do ombro?

– E quanto a um computador?

– Os registos médicos são todos em papel.

Fico estupefacta ao ouvir isso. Nunca trabalhei em nenhum lugar onde os registos médicos fossem em papel. Nem sabia que ainda era permitido. Mas suponho que as regras sejam um pouco diferentes na prisão.

Ela aponta para uma divisão ao lado da sala de exame.

– Ali é a sala dos registos. O seu crachá de identificação abri-la-á. Dar-lhe-emos um antes de sair.

Ergue o seu crachá para o leitor na parede e ouve-se um forte estalido. Abre a porta, revelando uma pequena sala empoeirada cheia de arquivadores. Montes e montes de arquivadores. Isto vai ser uma agonia.

– Têm cá algum médico a supervisionar? – pergunto eu.

Ela hesita.

– O doutor Wittenburg cobre cerca de meia dúzia de prisões. Não o verá muito, mas está disponível por telefone.

Isso deixa-me inquieta. Nas urgências, nunca estava sozinha. Mas suponho que os problemas lá eram mais agudos do que os que verei aqui. Ou, pelo menos, assim espero.

A nossa próxima paragem na visita guiada é a sala de aprovisionamento. É basicamente igual à do centro de atendimento de urgência, mas, claro, mais pequena – também com acesso via crachá de identificação. Contém ligaduras, material de sutura e vários caixotes, tubos e químicos.

– Só eu posso dispensar medicamentos – diz-me a Dorothy. – Escreve o pedido e eu dispenso a medicação ao paciente. Se houver algo que não temos, podemos fazer uma encomenda.

Esfrego as mãos suadas contra as minhas calças pretas.

– Certo, entendido.

A Dorothy lança-me um olhar demorado.

– Sei que está nervosa por ir trabalhar numa prisão de segurança máxima, mas tem de saber que muitos destes homens ficarão gratos pelos seus cuidados. Desde que seja profissional, não terá qualquer problema.

– Certo...

– Não partilhe quaisquer informações pessoais. – Os seus lábios fixam-se numa linha reta. – Não lhes diga onde vive. Não lhes diga *nada* sobre a sua vida. Não exponha nenhuma fotografia. Tem filhos?

– Tenho um filho.

A Dorothy fita-me, surpreendida. Estava à espera de que eu dissesse que não. A maioria das pessoas fica admirada quando digo que tenho um filho. Apesar de ter vinte e oito anos, pareço muito mais nova. Embora me sinta muito mais velha.

Tenho ar de quem anda na universidade e sinto-me como se tivesse cinquenta anos. É a história da minha vida.

– Bem – diz a Dorothy. – Não fale no seu filho. Mantenha as coisas profissionais. Sempre. Não sei ao que estava habituada no

seu antigo emprego, mas estes homens não são seus amigos. São criminosos que cometeram transgressões extremamente graves, e muitos deles vão passar aqui o resto da vida.

– Eu sei. – Oh, se sei.

– E, acima de tudo... – Os gélidos olhos azuis de Dorothy cravam-se em mim. – Tem de se recordar de que, ainda que a maioria destes homens a venham ver por motivos legítimos, alguns deles vêm cá para conseguir drogas. Temos uma pequena quantidade de narcóticos na farmácia, mas estão reservados para ocasiões raras. Não deixe que estes homens a persuadam a receitar narcóticos para consumo abusivo ou venda.

– Com certeza...

– Além disso – acrescenta ela –, nunca aceite qualquer tipo de pagamento em troca de narcóticos. Se alguém lhe fizer uma proposta desse tipo, dirija-se imediatamente a mim.

Inspiro fundo.

– Eu *já* nunca faria isso.

A Dorothy lança-me um olhar contundente.

– Sim, bem, foi o que a última disse. Agora, vai acabar também num sítio destes.

Por um momento, fico sem palavras. Quando o diretor me entrevistou, perguntei pela última pessoa a trabalhar aqui e ele disse-me que tinha partido por «razões pessoais». Não referiu que tinha sido presa por vender narcóticos aos reclusos.

É intimidante pensar que a última pessoa que teve este emprego antes de mim está agora encarcerada. Ouvi dizer que, uma vez dentro do sistema prisional, é difícil sair dele. Talvez o mesmo se aplique às pessoas que aqui trabalham.

A Dorothy vê a expressão no meu rosto e o seu semblante suaviza-se ligeiramente.

– Não se preocupe – diz ela. – Não é tão assustador como julga. Na verdade, é como qualquer outro emprego no ramo da medicina. Vê pacientes, ajuda-os a melhorar e depois manda-os de volta às suas vidas.

– Sim... – Esfrego a parte de trás do pescoço. – Perguntava-me só se... Vou ser eu a responsável por ver *todos* os reclusos da penitenciária? Ou, tipo, cubro só uma secção e...?

Os seus lábios curvam-se.

– Não, não há mais ninguém, rapariga. Vai ver toda a gente. Tem algum problema com isso?

– Não, de todo – respondo eu.

Mas é mentira.

A verdadeira razão por que estava relutante em aceitar este emprego não é por ter medo de que um dos presos me assassine com o meu próprio sapato. É por causa de um dos reclusos desta prisão. De alguém que conheci há muito tempo, que não estou ansiosa por voltar a ver.

Mas não posso dizer isso à Dorothy. Não lhe posso revelar que o homem que foi o meu primeiríssimo namorado é um dos reclusos da Penitenciária de Segurança Máxima de Raker, atualmente a cumprir pena de prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional.

E que fui eu que o pus cá.

Ao virar para a rua da casa dos meus pais no meu velho *Toyota* azul, levo na minha bolsa um crachá de identificação plastificado da Penitenciária de Raker. A Dorothy fez-me um ominoso aviso para não o deixar cair nas mãos erradas, mas, a julgar pelos meus privilégios de acesso, estou bastante certa de que o máximo que alguém poderia fazer com ele seria roubar alguns pensos rápidos e usar a casa de banho dos funcionários. Ainda assim, guardá-lo-ei com a vida.

Apesar da forma desagradável como deixei a vila há mais de uma década, adorei crescer em Raker. É uma vila linda, com árvores em cada esquina, pitorescas casas antigas e vizinhos que não desviam automaticamente o olhar ao passar por uma pessoa na rua, como em Queens. E, ao olhar para o céu à noite, veem-se as constelações individuais, em vez de apenas alguns pontos de luz aleatórios que são provavelmente apenas aviões.

É exatamente o tipo de local onde uma criança devia crescer. É exatamente do que a minha pequena família precisava.

Estaciono em frente à garagem de dois lugares, o que é um resquício dos velhos tempos, em que os meus pais estacionavam na garagem e eu tinha de o fazer à porta ou na rua. Os velhos hábitos são difíceis de matar. Ainda penso nesta casa como deles, apesar de já não o ser. É minha – toda minha.

Afinal, estão ambos mortos agora.

Ao destrancar a porta da frente, o som da televisão flutua até ao vestíbulo, juntamente com o cheiro de carne a cozinhar. Fecho os olhos e, por um momento, deixo-me fantasiar com um universo alternativo em que regresso a casa, para junto da minha família, e o meu companheiro está na cozinha, a preparar o jantar.

Mas, claro, não passa de uma fantasia. Nunca houve um companheiro na minha vida que ficasse durante tempo suficiente para preparar o jantar. Começo a perguntar-me se alguma vez haverá. O cheiro delicioso é cortesia da ama, que teve a amabilidade de começar a adiantar o jantar.

– Olá? – grito. – Cheguei!

Espero um momento, perguntando-me se o Josh vai sair para me cumprimentar. Houve uma idade em que a chegada da mamã a casa era sucedida pelo correr de pequenos pés e por um corpo quente a atirar-se aos meus joelhos. Esse tipo de cumprimento é menos comum agora que o Josh fez dez anos. Continua a amar-me, não me interpretem mal, só não de forma tão *enfática*.

Com efeito, passado um segundo, o Josh aparece no vestíbulo com os seus pés descalços. É a última semana antes do início das aulas, e ele está a tirar partido disso passando noventa por cento do seu tempo no sofá. Ou a ver televisão ou a jogar *Nintendo*. Não o devia deixar fazê-lo, mas em breve haverá aulas e trabalhos de casa e equipas de desporto. O seu principal interesse está na Liga Infantil, e isso só começa na primavera, mas, quando começar a aproximar-se, quererá que o leve ao parque para treinar.

– Olá, mãe!

Estendo os braços e ele entra neles, não inteiramente relutante.

– Olá, miúdo. Como correu o teu dia?

– Bem.

– Fizeste mais alguma coisa além de ficar sentado no sofá?

– Porque haveria? – responde-me ele, sorrindo.

O Josh afasta o cabelo castanho dos olhos. Precisa de um corte de cabelo, o que, a julgar pelo historial, vai ser feito na casa de

banho, por cima do lavatório. Mas vai decididamente levar um corte de cabelo antes de as aulas começarem. A cada dia que passa, o miúdo parece-se um pouco mais com o pai e, com o cabelo assim desgrenhado, a aparência é suficiente para me fazer doer o peito.

Soa um temporizador na cozinha, e eu sigo nessa direção à medida que o cheiro a frango assado se intensifica. Céus, tenho saudades de uma refeição caseira. A minha mãe costumava cozinhar quase todas as noites, mas há muito tempo que não vivia debaixo do seu teto até me mudar para aqui de vez no mês passado, após a sua morte.

Dirijo-me à cozinha no preciso momento em que a Margie está a tirar um tabuleiro do forno. A Margie é uma avó local que vai tomar conta do Josh enquanto eu estiver a trabalhar. Ele tentou protestar que não precisava de uma ama, mas eu não me sinto confortável a deixá-lo sozinho durante horas enquanto estou a quarenta e cinco minutos de distância – numa *prisão*. Além do mais, o Josh tem apenas dez anos. E não são propriamente uns dez anos *maduros*.

– Que cheiro incrível, Margie – digo eu.

A Margie sorri-me e enfia uma madeixa errante de cabelo grisalho atrás da orelha.

– Oh, não é nada. São só pedaços de frango assado com molho de manteiga e alho. E, claro, arroz e espargos para acompanhar. Não se pode comer *só* frango.

Hum, não? Porque estou bastante certa de que, ao longo dos últimos dez anos, foram muitas as noites em que o Josh e eu não comemos mais nada além de frango. De um balde com um coronel sorridente na lateral.

Mas isso é passado. As coisas vão ser diferentes agora. É um novo começo para os dois.

O Josh inspira exageradamente, farejando o ar.

– Cheira demasiado a *molho*.

Olho-o fixamente.

– Como assim? O cheiro a molho nunca é demasiado.

A Margie pisca-me o olho.

– Acho que lhe cheira à manteiga de alho.

Ele franze o nariz.

– Não gosto de alho. Não podemos ir antes ao McDonald's?

Não compreendo como é possível amar tanto alguém e, ao mesmo tempo, querer tantas vezes estrangulá-lo.

– Em primeiro lugar – digo eu –, não há McDonald's em Raker, por isso, não, *não podemos* ir ao McDonald's. E, em segundo lugar, a Margie preparou-nos uma deliciosa refeição caseira. Se não a queres, podes fazer o teu próprio jantar.

A Margie ri-se.

– Parece a minha filha.

Espero que isso seja um elogio.

– Muito obrigada por ter vindo hoje, Margie. Estará cá para receber o Josh depois das aulas na segunda-feira? O autocarro escolar deve chegar por volta das três.

– Está combinado! – confirma ela.

Acompanho a Margie à porta, apesar de ela ter a sua própria chave. Mesmo antes de me despedir, ela hesita, um sulco entre as suas sobrancelhas grisalhas.

– Escute, Brooke...

Se ela me disser que quer desistir, vou enroscar-me numa bola e chorar. Era a única ama disponível que se aproximava sequer da minha faixa de preços, e mesmo assim mal lhe consigo pagar.

– Sim...?

– O Josh parece muito nervoso com o início das aulas – diz ela. – Sei que é difícil ser-se novo na vila e tudo o mais, sobretudo na idade dele. Mas pareceu-me ainda mais ansioso do que eu esperava.

– Oh...

– Não quero preocupá-la, querida – acrescenta a Margie. – Queria só informá-la.

Sinto um aperto no coração pelo meu filho de dez anos. Não o posso culpar por ter saudades do McDonald's. O McDonald's

é familiar. Raker não é, nem esta casa. Em toda a sua vida, os meus pais nunca nos deixaram visitá-los – iam sempre ter conosco à cidade, até que eu lhes disse que não podiam mais fazê-lo. Esta vila é a minha casa, mas para o Josh é uma terra cheia de estranhos.

E consigo lembrar-me de mais algumas razões para ele ter medo do início do ano letivo, depois do que aconteceu em Queens.

– Vou tratar disso – respondo. – Mais uma vez, obrigada, Margie.

Regresso à cozinha, onde o Josh está sentado à mesa, a brincar com o saleiro e o pimenteiro. Está a fazer uma pequena pilha de sal e pimenta, algo que lhe disse repetidas vezes para não fazer, mas não estou zangada com isso agora. Sento-me na cadeira à sua frente.

– Ei, companheiro – digo eu. – Estás bem?

O Josh traça a sua primeira inicial, J, na pilha de condimentos em cima da mesa.

– Sim.

– Nervoso por causa da escola?

Ele encolhe um dos seus ombros magros.

– Ouvi dizer que os miúdos são muito simpáticos por aqui – digo eu. – Não será como em casa.

Vejo-o erguer os olhos castanhos.

– Como podes saber isso?

Retraio-me, sentindo a sua dor como minha. No ano passado, o Josh foi acossado na escola. *E muito*. Nem sequer sabia que estava a acontecer porque ele não falava do assunto em casa. Começou apenas a ficar cada vez mais calado. Só consegui perceber o porquê no dia em que ele chegou a casa com um olho negro.

Mesmo com o hematoma, o Josh tentou negar que algo se passasse. Tinha tanta vergonha de me dizer porque o andavam os outros miúdos a atormentar. Eu não fazia ideia do que tinha acontecido. O meu filho é um pouco mais para o calado, mas não há nada nele que se destaque – não fazia ideia do que o tornava um

alvo. Até que descobri o nome que todos os outros miúdos lhe andavam a chamar:

Bastardo.

Foi uma facada no meu coração saber que os outros miúdos o andavam a acossar por *minha* causa. Por causa da *minha* história e do facto de o meu filho nunca ter tido um pai. Tive alguns pensamentos tenebrosos depois disso, acreditem.

A escola tinha uma política de tolerância zero ao *bullying*, mas aparentemente isso era só algo que diziam para dar a ideia de que estavam a agir da forma certa. Ninguém parecia sentir qualquer compulsão por fazer algo para ajudar o meu filho. E não ajudou que houvesse julgamento no olhar do diretor ao salientar que os outros miúdos estavam apenas a apontar uma infeliz realidade da minha *situação*.

Quando se é uma mãe solteira que já mal consegue manter o controlo das coisas tal como estão, é difícil lidar com uma escola que finge que nada se passa. E com um bando de outros pais vinte anos mais velhos e com muito mais dinheiro. Cheguei mesmo a consultar um advogado, que limpou a maior parte da minha conta-corrente, mas o desfecho foi uma recomendação de que transferisse o Josh para uma escola nova.

Assim, quando um acidente de viação matou os meus pais no fim do ano letivo, decidi não vender a casa onde cresci. Era o novo começo de que eu e o Josh precisávamos.

– Vais fazer amigos – digo eu ao meu filho.

– Talvez – responde ele.

– Vais – insisto eu. – *Prometo.*

O problema de os filhos crescerem é que sabem que há algumas coisas que não podemos prometer.

O Josh não ergue o olhar da pequena pilha de sal e pimenta. Desta vez, escreve um S, para o seu apelido.

– Mãe?

– Sim, querido?

– Agora que vivemos aqui, vou conhecer o meu pai?

Quase me engasgo com a minha própria saliva. Uau, não sabia que ele trazia esse pensamento na cabeça. Por mais que me tenha esforçado por ser ambos os pais para este miúdo, houve alturas na vida em que o Josh parecia obcecado por quem era o pai. Aos cinco anos, não o conseguia fazer parar de falar nisso. Todos os dias chegava a casa com um novo desenho do pai e do que imaginava que esse pai seria. Astronauta. Polícia. Veterinário. Mas há já algum tempo que não se referia a ele.

– Josh – começo eu.

– Porque ele vive cá. – Ergue os olhos da mesa. – Não vive?

Cada palavra é como um minúsculo punhal no meu coração. Devia ter-lhe dito simplesmente que o pai estava morto. Isso teria tornado as coisas muito mais fáceis. Podia ter inventado uma história maravilhosa sobre como o pai dele era um herói que morreu, sei lá, a tentar salvar um cachorrinho de um incêndio. Ele teria ficado satisfeito com isso. Se lhe tivesse contado a história do cachorrinho e do incêndio, talvez os miúdos não o tivessem atormentado no ano passado.

– Querido – digo eu. – O teu pai costumava viver cá, mas já não vive. Já não.

Não consigo ler a expressão no rosto do Josh. O outro problema de os nossos filhos crescerem é que conseguem perceber quando estamos a mentir.